OS VALORES, O RITUAL E A ADMINISTRAÇÃO DA DIVERSIDADE INTERCULTURAL: ANALISANDO O CAMPO DA MÍDIA¹

Johanna Sumiala²

DA ANTROPOLOGIA DA RELIGIÃO À ANTROPOLOGIA DA MÍDIA

O artigo do professor Joel Robbins, *O Pluralismo Religioso e o Pluralismo de Valores: Ritual e a Regulação da Diversidade Intercultural*, oferece uma importante visão sobre o estudo do ritual e do pluralismo de valores, tendo uma abordagem relevante não só para o estudo da religião e da antropologia, mas também da sociologia e da teoria social em geral.

Em seu artigo, Robbins aborda o ritual como um aspecto da religião particularmente envolvido na expressão de valores, que ele descreve como “fins culturalmente definidos e considerados dignos de orientar as ações”. Tratando-se de pluralismo de valores, cada formação social apresenta uma multiplicidade de valores, portanto, o objetivo é entender melhor as relações mantidas entre valores. Segundo Robbins, duas hipóteses teóricas podem ser levantadas nessa condição: a posição monista e a posição pluralista. Para simplificar: na posição monista, percebe-se que os valores podem tanto funcionar em uma hierarquia, quanto ganhar seu próprio valor, contribuindo para a realização do valor mais alto na hierarquia – o supervalor, se preferir. Enquanto isso, os pluralistas discutem o conflito entre diferentes valores. Nessa condição, a busca por um valor pode resultar na renúncia de outro e, sendo assim, escolhas (trágicas) precisam ser feitas.

Na interpretação de Robbins, os dois pontos de vista podem operar na vida dos povos de forma linear e/ou simultaneamente. Em certas ocasiões,

¹ Tradução: Amanda Kopps. Revisão técnica: Rodrigo Toniol

² Professora na Universidade de Helsinki. Contato: johanna.sumiala@helsinki.fi

trabalhamos com soluções monistas; em outros casos, experimentamos um conflito – implícito ou explícito – de valores e uma necessidade de fazer escolhas entre eles. Tendências simultâneas, entre a monista e a pluralista, vêm e vão na vida dos povos.

Além disso, Robbins (2014, p. 22) afirma que, em uma condição na qual muitos valores estão em jogo, há “uma das instâncias em que as pessoas podem encontrar valores singulares expressos de modo nítido e agir sobre eles, um de cada vez”. E ele prossegue para identificar dois ramos de estudos dos rituais: os representacionais e os performativos. Enquanto os rituais, no âmbito representacional, visam a realizar uma espécie de destaque e aperfeiçoamento das representações sociais ajudando as pessoas a experimentar e a realizar um único valor em sua completude, os rituais performáticos são vistos como algo que as ajuda no comprometimento com os valores realizados no ritual através do ato de participar (da performance) desses rituais. É útil fazer essa distinção analítica para desenvolver a teoria do ritual, porém os elementos representacional e performativo estão interligados de muitas maneiras na prática do ritual.

Em meus comentários, gostaria de analisar a ideia principal de Robbins, de que os rituais se concentram em um único valor, contrapondo o seu argumento em um outro contexto. Esta tentativa de discutir o valor, o ritual e a administração da diversidade intercultural requer uma alteração contextual radical, um passeio desde a antropologia da religião e a Papua Nova Guiné até a antropologia da mídia e a atual Grã-Bretanha. Ao fazer esse corajoso trajeto, pretendo esclarecer como essas ideias e teorias sobre rituais e valores são levadas de um cenário sociocultural para outro. A meu ver, essa também é a intenção de Robbins (2014, p. 37) quando afirma que “uma das tarefas da antropologia é estudar como essas tensões entre monismo e pluralismo operam em formações sociais concretas, nas vidas das pessoas que as habitam”.

No entanto, alguns esclarecimentos sobre o que entendemos por mídia, como nós a compreendemos e qual sua relação com os valores precisam ser feitos. Birgit Meyer (2013, p. 4) defende a relevância do estudo da mídia na antropologia, explicando o caráter midiático de toda a comunicação:

O que as pessoas compartilham, o “social”, a sua “cultura”, é produzido por meio de práticas de transmissão em que a mídia existe para servir como ponte, mas ao mesmo tempo para afirmar a distância e a diferença entre os envolvidos na comunicação. [...] Como a comunicação não pode ocorrer por intuição imediata (como uma visão romântica poderia sugerir), ela depende necessariamente da mídia externa [...] – precisamos analisar a comunicação como um processo concreto e material. (Meyer, 2013, p. 4)

Em seguida, a autora faz uma declaração explícita de que a mídia é uma forma social significativa para o desenvolvimento dos valores:

Portanto, se quisermos entender os processos sociais de compartilhamento de imaginários, significados e *valores*, dos vínculos, da cumplicidade e da colaboração, é preciso recorrer à mídia. Eles estão no centro, mediando as inevitáveis diferenças que existem, não apenas entre “emissores” e “receptores”, mas também entre uma massa de audiências anônima, atraindo-os para uma “comunidade imaginária” (Anderson, 1991), ou, como eu chamaria, para uma “formação estética” (Meyer, 2009, p. 6-11), caracterizada por ideias comuns, *valores* e práticas que emergem e são sustentadas através do compartilhamento da mídia. (Meyer, 2013, p. 5, grifo meu)

Ao discutir a mídia como uma forma social de uma sociedade contemporânea, a da Grã-Bretanha, por exemplo, deparamo-nos com uma incongruência (Couldry, 2012, p. 62). Por um lado, o próprio termo mídia é ambíguo: pode referir-se às instituições e infraestruturas que produzem e distribuem determinados tipos de conteúdos, porém a mídia também é esse conteúdo (Couldry, 2012, p. 2). Consequentemente, podemos identificar os valores relacionados à mídia como uma instituição, uma infraestrutura e/ou um conteúdo. Nesta linha de pensamento, os diferentes aspectos da mídia acionam e correspondem às formas sociais de diferentes tipos. Podemos analisar a mídia como uma forma social construída em torno do estado-nação e da *nation building*. “Coloquemos ênfase especial nas instituições da mídia e seu papel na criação de conteúdo para comunidades imaginadas” são as palavras de

Benedict Anderson (1991, p. 81), mencionado anteriormente. No entanto, a mídia também pode ser entendida como uma forma social em uma escala global. Roger Silverstone (2007) discutiu a mídia contemporânea criando e mantendo uma esfera civil global, um imaginário público compartilhado com perspectivas concorrentes. Atuantes mundiais, como a CNN, o BBC World News e o Al Jazeera, desempenham um papel importante na formação da agenda pública global. No micro nível, encontramos a mídia da comunidade local organizada através do rádio, por exemplo, ou outras mídias locais, que promovem o imaginário local (Ginsburg; Abu-Lughod; Larkin, 2002). No mundo atual, precisamos, também, reconhecer a mídia diaspórica, em que a sociabilidade é criada e mantida através de inúmeras comunidades virtuais que, muitas vezes, ocorrem em meio e por meio de diferentes formas e aplicativos da mídia social (curiosamente, muitos desses sites e serviços são propriedade de empresas de mídia global, como o Google). Em geral, os processos de digitalização e de conversão tendem a alterar as linhas entre as diferentes mídias e a forma social associada, criando, assim, novos tipos híbridos de formas sociais (Murphy; Kraidy, 2003; Sumiala, 2012; Sumiala; Tikka, 2011). Esta variedade de mídias como forma social traz também certa instabilidade e incertezas na comunicação de valores. Em muitos casos, quando os valores individuais são postos em prática, estes podem estar em conflito uns com os outros. Um exemplo simples é ouvirmos a mídia local, unirmo-nos ao seu apelo à liberdade da expressão individual e, logo em seguida, irmos à mídia global para compartilhar uma realidade mediatizada, com uma forte ênfase na centralização do poder de comunicação. Obviamente, também pode haver conflitos de valores dentro de diferentes meios de comunicação (Castells, 2009).

Do ponto de vista monista, podemos afirmar que, na hierarquia de valores, a atenção é um dos valores mais apreciados na mídia atual. Todos os outros valores, tais como lucro, prazer, participação e pertencimento estão subordinados àquele supervalor. Sem a relação entre atenção, visibilidade e reconhecimento, a mídia, como forma social, deixaria de existir. Consequentemente, uma das forças motrizes para a mídia contemporânea é uma batalha contínua pelo interesse e pela sensibilização do público (Couldry, 2012).

À medida que consideramos, mais detalhadamente, a dinâmica entre a mídia como uma forma social e o pluralismo de valores, é preciso reconhecer que nem os meios nem os valores são criados ou sustentados em um vácuo e que eles não são constelações abstratas. A análise entre mídia e valores deve ser incorporada em práticas que nos trazem até Robbins e seus argumentos em relação ao papel do ritual.

O especialista em rituais, Ronald Grimes, oferece uma maneira interessante de se considerar a dinâmica entre mídia e ritual e que é útil neste contexto. Grimes (2006, p. 3-4) fornece a seguinte informação importante sobre a evolução da relação entre mídia e ritual, ressaltando a clássica distinção durkheimiana entre os dois domínios da realidade social, ou seja, o sagrado e o profano:

Não muito tempo atrás, os termos “ritual” e “mídia” teriam sido considerados rótulos para domínios culturais distintos – um sagrado e o outro secular; o termo que designa uma atividade religiosa e o que representaria uma ferramenta, um processo de transferência de informações. A mídia não só invadiu os rituais, como também os profanou. [...] Mas as coisas mudaram. Agora, a mídia muitas vezes valida o ritos. A presença de câmeras anuncia, “Este é um evento importante”. Hoje em dia, ambas noções, de ritual e de mídia, são compreendidas de maneiras bem diferentes, e a ligação entre elas é comentada com uma frequência crescente nos estudos acadêmicos. [...] A mídia, afirmam alguns, são os rituais em forma contemporânea. No entanto, quando uma metáfora (mídia como um ritual) se desenrola para uma simples afirmação (a mídia é um ritual), ambos os termos se tornam inúteis. As duas estratégias – segregar ou igualar – simplificam demais as formas complexas em que a mídia, o ritual e a sociedade moderna interagem. (Grimes, 2006, p. 3-4)

Na interpretação de Grimes, as duas categorias (os rituais e a mídia são sagrados e profanos) são vistas hoje em dia em sobreposição, em vez de se excluírem mutuamente. Em segundo lugar, ele observa certos problemas nesta interpretação que podem obscurecer a distinção entre os dois domínios e causam a perda do potencial analítico de ambos os termos. Portanto, é

importante desenvolver uma compreensão mais esmiuçada do ritual. Para fazer isso, primeiro, é necessário identificar o tipo de ritual envolvido em qualquer um dos casos: é um ritual no sentido de peregrinação, celebração, sacrifício ou rito de passagem? Além disso, é necessário estabelecer de que modo a mídia é uma ritual e de que modo ela não seria. Grimes (2006, p. 12) sustenta que uma discussão frutífera sobre mídia e ritual é possível apenas onde os dois domínios não sejam “[...] nem equivalentes, nem separados, mas sim diferenciados e concebidos como o compartilhamento de uma fronteira em comum”.

RITUAIS MEDIATIZADOS DE LUTO E PLURALISMO DE VALORES

Agora, vou analisar como a interação entre a mídia, os rituais e os valores foi evidenciada em um evento ritual significativo dentro e fora da mídia: a morte da ex-primeira-ministra britânica, a Baronesa Margaret Thatcher³.

Lady Thatcher morreu depois de um acidente vascular cerebral, em oito de abril de 2013, aos 87 anos, após ter sofrido, por muitos anos, com problemas de saúde. A notícia de sua morte espalhou-se na Grã-Bretanha, em nível local e nacional, e foi amplamente divulgada no *mainstream* da mídia e nas redes sociais, o que provocou imediatas reações na opinião pública britânica, bem como em outras partes do mundo. Sua morte trouxe uma rica variação de práticas de rituais que surgiram dentro e através das diversas mídias em diferentes escalas. A ritualização começou assim que o porta-voz de Thatcher confirmou sua morte à *Press Association*, que emitiu o primeiro relatório para as redações. Como um símbolo de luto nacional, a

³ Em minha análise empírica do estudo etnográfico sobre a mídia, tracei o percurso da morte de Margaret Thatcher. Em meu trabalho de campo, combino diferentes formas de etnografia, passando pela etnografia urbana, pela etnografia das representações e pela etnografia virtual. Além da observação da participação e da escolha de materiais sobre a mídia, eu também realizei entrevistas relacionadas às reações das pessoas à morte de Thatcher, tanto em Londres quanto em outros lugares da Grã-Bretanha.

bandeira da união foi hasteada a meio mastro em muitos lugares associados à ex-primeira-ministra, como nos centros simbólicos do poder da nação, tais como a Downing Street, o Palácio de Buckingham e o Parlamento. Um local de peregrinação surgiu quando as pessoas começaram a trazer flores e velas para deixar do lado de fora da casa de Thatcher.

Talvez o elemento mais característico dessa intensa ritualização seja o nível de controvérsia em torno de sua personalidade e de sua herança política. Aqueles que a apoiavam prestaram homenagens à Thatcher por meio de *posts* nas redes sociais e de *upload* de vídeos de luto no YouTube, por exemplo. Ela pode ter sido elogiada como a “Dama de Ferro” da época, mas muitos comemoraram sua morte. Pareceu que seus adversários, na Inglaterra e no resto do mundo, estiveram à espera da morte de Thatcher para ter a possibilidade de expressar sua raiva e seu ódio contra ela em público. Muitos declararam – abertamente e através da mídia – sua extrema antipatia por ela, enquanto manifestantes de todos os lados organizavam-se, como no evento realizado em Brixton, Londres. Em um vídeo do YouTube, pessoas foram vistas dançando, bebendo e carregando cartazes com slogans relativos à sua morte; mensagens no Facebook e Twitter circularam para celebrar o evento. Todos esses rituais performativos foram realizados em um modo intensamente midiaticizado. Enquanto alguns rituais de luto foram apresentados pelo *mainstream* da mídia – com a BBC e os jornais nacionais, desempenhando um papel fundamental como instituições do país –, outros ritos foram organizados por usuários comuns da mídia social. Em muitos casos, a linha entre os dois tornou-se turva, com práticas rituais passando de um contexto de mídia para outro. A canção do Mágico de Oz, *Ding, dong! A bruxa está morta*, é um ótimo exemplo, porque teve um valor simbólico atribuído pelos adversários de Thatcher na batalha ritualizada contra ela. A canção tornou-se imensamente popular uma semana após a morte de Thatcher e chegou ao segundo lugar na lista das mais ouvidas da Grã-Bretanha. Ela deveria ter sido tocada na Rádio 1 da BBC, mas, em vez disso, a BBC divulgou uma faixa na qual explicava porque optou por não tocar a música.

O funeral de Thatcher foi realizado em dezessete de abril e, de acordo com os desejos dela, recebeu uma procissão cerimonial com todas as honras militares. A missa foi realizada na Catedral de São Paulo, com a presença da rainha Elizabeth e do príncipe Philip. Essa foi a segunda vez (a primeira foi à morte de Winston Churchill, em 1965), em seu reinado, que a rainha assistiu ao funeral de um ex-primeiro-ministro. Mais tarde, o corpo de Thatcher foi enterrado no cemitério do Royal Hospital Chelsea, junto ao de seu marido, Denis. O funeral e o enterro foram eventos privados, não públicos, mas a cerimônia fúnebre foi transformada num evento da mídia, transmitida amplamente na televisão e descrita nos jornais impressos, além da repercussão nos portais da internet, com atualizações constantes durante o transcurso do cerimonial. Um informante que havia participado da cerimônia como parte da multidão descreveu a atmosfera como “alegre”. Muitos vieram para prestar suas homenagens e participar de um momento histórico, enquanto outros criticaram o dinheiro público gasto em seu funeral, porque, afinal, em vida, ela fora a favor da privatização.

Voltando ao argumento de Robbins sobre o pluralismo de valores e os rituais, não é exagero dizer que, nesta ritualização midiática da morte de Lady Thatcher, a pluralidade de valores foi evidente. Do ponto de vista monista, os eventos da mídia em torno de sua morte e o funeral constituíram uma hierarquia de valores incorporados à lógica atual de um evento de mídia. No auge dessa hierarquia, ficou a atenção dada à sua morte. Como assinalou um jornalista britânico, a mídia esperava a morte de Thatcher, devido a sua idade avançada e a seus problemas de saúde, o que significa que teve tempo suficiente para se preparar. Os obituários foram preparados previamente e a transmissão de seu funeral foi ensaiada por muitas organizações de mídia profissionais. Após sua morte e durante o funeral, o tom oficial de divulgação seguiu o modelo e o estilo típicos da morte de uma figura pública anunciada pela mídia: repetindo uma narrativa sobre a vida, de origem humilde, e a carreira política da primeira mulher a ser primeira-ministra britânica. Um dos elementos constantes das coberturas foi a atenção nas reações do público diante de sua morte. A mídia proporcionou não só uma cobertura nacional,

mas mundial das práticas ambíguas e altamente ritualizadas realizadas logo após a morte de Thatcher, fazendo dela própria o centro social do evento histórico (ver exemplo Couldry, 2003).

Contudo, se considerarmos os rituais de luto e de celebração realizados por pessoas de dentro da mídia e através dela, valores profundamente divergentes tornam-se explícitos. Em alguns rituais de luto, as pessoas reuniram-se para prestar suas homenagens às realizações pessoais e políticas de Thatcher. Seus partidários admiravam-na. Seus ideais políticos foram elogiados e confirmados nesses rituais. Em outros rituais, um sentimento de união foi construído para celebrar a morte de Thatcher e zombar de sua carreira política, envolvendo rituais em que as pessoas expressaram sua raiva e sua frustração, além de alegar que ela havia destruído o país. Nesses rituais, a morte de Thatcher foi narrada como uma vitória do bem sobre o mal, com o centro ritual criado em torno de valores que poderiam ser expressos apenas em contraste a ela e a suas realizações. Em ambos os casos – rituais de luto e de celebração – a morte de Thatcher reuniu pessoas. No entanto, os sentidos de união, pertencimento e participação foram construídos através de valores conflitantes e controversos associados à vida dela.

VALORES, RITUAIS E A ADMINISTRAÇÃO DA DIVERSIDADE CONTEXTUAL

A principal questão neste estudo, abordada primeiramente por Robbins, é o potencial que o ritual possui de realizar um valor único de cada vez, ajudando, portanto, as pessoas a lidar com situações complexas em uma condição de pluralismo de valores. Uma confirmação simples seria que, em uma condição moderna, midiaticizada, como ilustrado na ritualização saturada da mídia sobre a morte de Lady Margaret Thatcher, é improvável que tal condição exista. Em vez disso, rituais como performances sociais e culturais heterogêneas envolvem uma multiplicidade de valores encontrados em uma grande quantidade de pessoas, com diferentes comprometimentos

acerca de valores. Embora a morte de Thatcher tenha desencadeado uma intensiva ritualização na mídia e através da mídia na Grã-Bretanha e em outras partes do mundo, parece difícil – até mesmo impossível – identificar um valor único percebido neste processo.

No entanto, mesmo que possamos discordar da primeira condição de Robbins, quando pensamos sobre a relação entre ritual e valores em um dado contexto, podemos concordar com a segunda condição – ou seja, a dinâmica entre soluções monista e pluralista em funcionamento. Ao analisarmos a partir da perspectiva monista, um ponto-chave da ritualização da morte de Thatcher em um ambiente de mídia foi a atenção como um supervalor por trás da lógica do evento de mídia, impondo, portanto, o significado da própria mídia como o centro dos valores sociais e culturais realizados em uma sociedade britânica midiaticizada. No entanto, ao considerar como cada indivíduo utiliza a mídia para fins rituais, uma multiplicidade de valores fica evidente. Podemos dizer até que, quanto mais intensa a ritualização e maior a coerência sentida dentro dessas “comunidades rituais” midiaticizadas, mais dividida fica a nação. Em muitos casos, conflitos explícitos pareciam ocorrer entre diferentes valores associados à vida de Thatcher e às suas realizações, ou seja, as pessoas tinham que fazer escolhas trágicas sobre quais valores seguir e usar estratégias diferentes para equilibrar aquela situação conflituosa. Algumas pessoas souberam lidar com o conflito entre os diferentes valores, ignorando o evento da mídia e os valores em conflito incorporados, enquanto outros participaram de um processo de negociação relacionada a diferentes valores. Um exemplo dessa negociação foi um debate no Twitter, questionando se os *tweets* que comemoravam a morte de Thatcher seriam ou não considerados adequados. Nesse caso, a incerteza sobre os valores também parecia estar em pauta. Curiosamente, muitos acreditavam que havia falta de espaço social para visões neutras ou desapegadas. Era como se esperassem que as pessoas tomassem partido e expressassem seus valores em público. No geral, podemos concordar que a morte de Thatcher ativou tendências simultâneas que perpassaram as tendências monista e pluralista (como alegou Robbins) na mídia e na performance ritual de sua morte.

Finalmente, o passeio entre a antropologia da religião e a antropologia da mídia, inspirados pelo trabalho criterioso e instigante de Robbins, levanta dúvidas. Talvez não seja o compartilhamento das crenças em valores que nos unem na condição amplamente pluralista de hoje em dia, seja em Pápua Nova Guiné ou na Grã-Bretanha, mas sim a promulgação de certas práticas ou, se preferir, do poder performativo dos rituais.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1991.

CASTELLS, Manuel. *Communication Power*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

COULDRY, Nick. *Media, Society, World: Social Theory and Digital Media Practice*. Cambridge: Polity, 2012.

_____. *Media Rituals: A Critical Approach*. London: Routledge, 2003.

GINSBURG, Faye; ABU-LUGHOD, Lila; LARQUIN, Brian. *Media Worlds: Anthropology on New Terrain*. Berkeley: University of California Press, 2002.

GRIMES, Ronald. *Rite out of Place: Ritual, Media and the Arts*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

MEYER, Birgit. Material Mediations and Religious Practices of World Making. In: LUNDBY, Knut (Ed.). *Religion across Media: From Early Antiquity to Late Modernity*. New York: Peter Lang, 2013. p. 1-19.

MURPHY, Patrick; KRAIDY, Marwan (Ed.). *Global Media Studies: Ethnographic Perspectives*. New York: Routledge, 2003.

SILVERSTONE, Roger. *Media and Morality: On the Rise of the Mediapolis*. Cambridge: Polity, 2007.

SUMIALA, Johanna. *Media and Ritual: Death, Community and Everyday Life*. London: Routledge, 2012.

SUMIALA, Johanna; TIKKA, Minttu. Imagining globalized fears: School shooting videos and circulation of violence on YouTube. *Social Anthropology*, Chinchester, UK, v. 19, Issue 3, 2011. p. 254-267.

Recebido em: 28/02/2014

Aprovado em: 15/03/2014